
BRINCADEIRAS, RELIGIOSIDADES E ALIMENTAÇÃO NAS DÉCADAS DE 1940 E 1950 NAS MEMÓRIAS DE UMA CABOCLA SERGIPANA

Aaron Sena Cerqueira Reis¹

RESUMO

Esta comunicação pretende resgatar alguns aspectos da cultura popular sergipana das décadas de 1940 e 1950, através das memórias de Elza Ramos dos Santos, numa entrevista concedida em 25 de maio de 2006 ao professor Dr. Antonio Lindvaldo Sousa, coordenador do projeto “História de Sergipe para a terceira idade”. Esta análise torna-se relevante na medida em que trás à tona um conjunto de tradições que estão sendo esquecidas, como brincadeiras, festividades, religiosidade e culinária e nos ajuda a compreender traços da identidade dos homens comuns em Sergipe nas referidas décadas.

Existem várias maneiras de se narrar um fato, com a História de Sergipe acontece o mesmo. Cada canto de suas ruas, avenidas, praças e mercados de todos os seus municípios, possuem uma versão histórica que nem sempre é valorizada e acaba sendo esquecida. Esse valor normalmente não é dado em virtude das dificuldades que os pesquisadores têm de conseguir fazer com que os agentes da História se conheçam como tal. Esse agente, a que me refiro, é o próprio povo, que nem sempre percebe sua importância na construção da História. Por isso, na qualidade de pesquisador, quero enaltecer a necessidade da valorização da sabedoria popular, pois é ela quem presencia as transformações do local onde mora, do caminho que faz ao ir para o trabalho e dos locais que costuma passear. Fazer com que essa gente reconheça sua importância em meio à evolução histórica e narre suas experiências, é imprescindível para que possamos transmitir um conhecimento ainda maior e mais preciso sobre os acontecimentos que fazem parte e modificam o cotidiano dos sergipanos. De acordo com Prado Sampaio, *“é pelo estudo dos nossos contos e da nossa poesia popular que se há de compreender com clareza o fenômeno que se vem operando em nosso meio”*. (Sampaio, 1926).

Esta comunicação tem como suporte os relatos da senhora Elza Ramos do Santos que, num trabalho de conscientização feito pelo Professor Dr. Antônio Lindvaldo Sousa, reconheceu a importância das suas memórias para um bem maior e as transmitiu. Tal trabalho foi realizado através do curso sobre História de Sergipe, cujo público era formado por pessoas da terceira idade.

Visto que todos esses saberes estão diretamente ligados a uma cultura na qual a maioria dos sergipanos já se identificou alguma vez e que, devido à fragilidade do tempo, desaparece a cada dia, a proposta, aqui, é justamente lembrar certas tradições que parecem não fazer tanto sentido hoje, mas que foram de suma importância para a construção das características deste povo: as brincadeiras, as crenças e a culinária, entre tantas outras.

A casa simples, com chão de barro, três cômodos, cozinha e sala de estar, num sítio que ficava no povoado de Aracaré no município de Pacatuba, é o ambiente no qual se constrói as memórias desta cabocla sergipana. Aí é forjada a personalidade desta mulher que em sua infância brincou de roda, em sua adolescência aprendeu a cozinhar com a mãe e, mais tarde, constituiu uma família baseada em suas crenças.

Normalmente o dia começava bem cedo para a maioria das pessoas. O pai ia trabalhar enquanto a mãe cuidava para que os filhos fossem à escola. Cada um tomava seu café separado. No entanto, o meio-dia era sagrado. Toda a família se reunia em volta da mesa e, antes de almoçar, rezava em agradecimento: *“Senhor, nós estamos te agradecendo pelo alimento que recebemos. Bendito é seu santo nome, bendita é sua proteção. Que nunca nos falte. Em nome do pai, do filho, espírito santo, amém”*. (Santos, 2006).

Diante da rigidez de muitos pais, aqueles que tinham boas condições financeiras, estudavam em casa com professoras particulares. Contudo, para as crianças era frustrante quando eram proibidas de participar das atividades escolares: desfiles do dia 7 de Setembro, festinhas de fim de ano, mas principalmente os festejos juninos. Elza Ramos lembra com tristeza os momentos de festejos que não podia participar:

¹ Aluno de graduação em História pela Universidade Federal de Sergipe. Bolsista do projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade” pelo PIBIX/UFS. Membro do Grupo de Pesquisa Culturas, Identidades e Religiosidades – GPCIR.

E como ele era muito ciumento [seu pai], a gente não andava para lugar nenhum. A professora, ele contratava. Ela passava de casa em casa e conversava com todo o pessoal do povoado para colocar os meninos na escola. Ela sempre fazia homenagem à semana da pátria e as festinhas de final de ano. Sete de setembro, quinze de novembro. Ela preparava desfile e tudo pelos povoados, mas nós não participávamos (...) ele não permitia. Mesmo as outras professoras indo à nossa casa, ele não permitia. Filha dele não dançava. (Santos, 2006).

O dia-a-dia era marcado pelas brincadeiras infantis. As crianças corriam pelos quintais, pelos campos de areia ou pelas ruas para chegarem a manja, pois senão, quem chegasse por último teria que pagar uma prenda, e ninguém queria representar este papel na diversão: rebolar, imitar um macaco ou qualquer outro bicho.

O alívio dos pais, principalmente das mães que ficavam a maior parte do tempo cuidando dos meninos, era quando resolviam brincar com o anel. Ficavam todos quietos numa roda, enquanto apenas um deixava-o cair na mão de alguém para que o escolhido adivinhasse onde ele foi parar. Então se perguntava: *“Quando eu fui para Bahia, onde eu deixei meu anel?”* Ai de quem errasse. Era *“bolo”* na certa! (Santos, 2006).

Mas a calma não durava muito tempo, logo estavam correndo para não apanhar do amigo no jogo do cipó queimado. Apanhar do amigo era o de menos. Caso as mães não gostassem deste tipo de descontração...

Todavia, existia um entretenimento que os pais incentivavam e até mesmo se esforçavam para que gostassem, eram os brinquedos de barro. Como não existia em todos os lugares, às vezes os pais se deslocavam para outros municípios a fim de encontrar estes objetos. O incentivo era válido, não tinha criança que não gostasse de receber dos pais ou parentes uma boneca, um boizinho, um cavalinho ou vários outros bichos de barro.

A noite ia chegando e os pais voltavam de seus trabalhos, este era o momento das histórias. Personagens como Pedro Malazartes, lobisomem, saci-pererê e mula-sem-cabeça, rondavam o imaginário da época, apesar dos contos dos irmãos Grimm também estarem presentes, como *“João e Maria”*, *“João e o pé de feijão”*, entre outros. Com o tempo, algumas histórias ganhavam outros sentidos, como a mula-sem-cabeça, por exemplo.

Sobre este conto, Elza fala: “eu fui crescendo e a gente ia aprendendo essa história de mula-sem-cabeça... Era a mulher do padre, que virou mula-sem-cabeça porque pecou. Teve um filho com um padre”. (Santos, 2006).

Pela falta de energia elétrica em muitos locais do estado, dormia-se cedo, mas isso não impedia desta ser uma hora de muito sucesso na casa, tanto é que às vezes era prolongada nos finais de semana, quando a família convidava alguns amigos para se reunirem e contar histórias. A respeito destes momentos, nossa “historiadora” diz:

Minha mãe contava para a gente e para o povo também. Contava histórias de Joãozinho e Maria (...) tinha outras, mas a gente não lembra. Às vezes aparecia um conhecido por lá e terminava tomando café e ficava até tarde contando história e a gente gostava. (Santos, 2006).

Fim de semana era também o momento das farras, principalmente para os homens. Estes deixavam suas mulheres, quando casados, cuidando dos filhos e iam para as festas que comumente havia por toda a parte. Quando não era na própria cidade, era nas redondezas. Elza fala sobre o seu pai:

Todo sábado ele vendia uma novilha, um garrote, para farrear. Para farrear, para dançar, pintar e bordar. Dançar e ficar pelas redondezas e ir para os povoados participar de festas. Sempre tem. Minha mãe que falava para a gente. Ela ficava sozinha naquela casa com quatorze anos, mesmo de noite. (Santos, 2006).

Além das “noitadas” masculinas de fim de semana (para utilizar um termo atual), que deixavam as esposas irritadas com seus maridos, outra tradição era o almoço, este mais caprichado, especial. Numa forma de se redimir com as mulheres e os filhos, muitas vezes os homens iam às melhores feiras, que nem sempre era na própria cidade. Saíam de suas cidades para trazer a melhor carne de sol e chegavam à tarde, por isso era costume não almoçar ao meio-dia. Enquanto eles iam à procura da carne, elas cuidavam do feijão de coco, temperado com cebola roxa e pimenta do reino, dentre outros temperos, preparados no fogão à lenha. De acordo com Elza:

Meu pai ia fazer feira lá [em Pacatuba] e nós ficávamos esperando ele chegar. É longe, e ele ia a cavalo para trazer a carne de sol. Minha mãe fazia para a gente comer com a carne de sol, feijão de coco. No feijão colocava coco e temperava. Ficava tão gostoso. E nós ficávamos esperando a carne de sol. Meu pai só chegava quatro horas da tarde. (Santos, 2006).

A sobremesa era sempre variada, apesar de não ter quem resistisse à cocada branca e a cocada morena. O açúcar caramelizado, misturado com o coco ralado e um pouco de cravo para dar o toque final, era realmente de dar apetite. Na verdade, todos os dias havia algo de saboroso que deixava todos satisfeitos: bolo de ovos, de milho, de puba, de macaxeira, além da farinha que todos tinham prazer em preparar no pilão, a farinha de castanha, para acompanhar outros alimentos. Havia também o cuscuz de milho e de arroz, que tornavam o café da manhã mais saudável.

Durante o ano havia muitas festas. Além das juninas, que se destacam até hoje, havia o reisado, samba-de-coco e também comemorações religiosas. Com exceção do primeiro, os festejos não ocorriam em um período determinado, poderiam acontecer em qualquer época do ano. É interessante notar como as tradições do mês de junho permanecem semelhantes. Já eram praticadas com arraiais nas ruas, fogueiras nas portas, sanfoneiro tocando forró, o que dispensa muitas explicações acerca deste ponto.

Geralmente o reisado e o samba-de-coco apareciam consecutivos. Num primeiro momento a festa era dividida em dois cordões, um vermelho e outro azul. Personagens como a Deusa do baile e a Contramestra surgiam nesse instante dançando ao som da percussão. Em seguida era a vez do bumba, onde um homem coberto de pano estampado e com uma máscara em forma de boi dava chifradas tanto em um grupo quanto no outro; neste momento todos corriam. Enfim, chegava o momento de “matar” o boi. Este ritual era seguido de versos, onde o apresentador oferecia pedaços do boi ao público que tinha deixado o nome numa lista passada anteriormente. Elza se recorda:

Tinha apresentação de figura em figura, a deusa do baile, a contramestra. Na parte delas, elas ficam na frente dançando. E tinha o bumba que era um ho-mem. O boi era feito, bem coberto com pano estampado, e a cabeça é como a de boi mesmo, pintada. Os olhos eram feitos de espelhos que brilhavam de noite e tinha as pontas. Era já perto do final quando o boi se

apresentava. Chegava e já ia dando cabeçadas em uns e outros, todos corriam neste momento. E tinha uma hora em que rendiam o boi e o matavam. Então eu ficava triste porque a brincadeira ia acabar. O final era a morte do boi. Aí dividiam os pedaços do boi, oferecendo em versos às pessoas e aos donos das casas. Sempre perguntavam o nome das pessoas - assim dizia meu pai - fazendo um apanhado dos nomes antes. (Santos, 2006).

Entre uma festa e outra poderia haver também um sanfoneiro, para então iniciar o samba-de-coco. Basicamente composta por músicas de percussão e versos, esta festa poderia prolongar-se até o amanhecer. É provável também que houvesse uma cota entre os moradores para que pagassem ao grupo que ia animar.

Nas memórias de Elza Ramos surge uma personagem muito interessante que era conhecida por todos como Chica Castanha. Ela era a principal atração da festa, pois transmitia alegria e animação. Segundo Elza, a artista era: *“negra, alta, magra, cantava samba-de-coco e dançava a noite toda e tirava verso. E não repetia um verso!”* (Santos, 2006).

Não se podem esquecer as manifestações religiosas, que eram muito marcantes, e numa sociedade como a sergipana das décadas de 40 e 50, é importante lembrar as procissões e festas em agradecimento aos santos pela graça alcançada, além das missas e novenas, pois sempre envolviam um grande número de pessoas.

Comumente faziam muitas promessas, seja para a cura de um enfermo ou quaisquer motivos. Pegava-se então o santo em uma paróquia e levava para casa. Quando o pedido era concretizado, levava-o de volta e fazia-se uma festa para homenagear o santo escolhido pelo fiel. A imagem era bem vestida e retornava em um andor que era coberto de flores, além de ser carregado por dois homens em uma procissão que reunia muitos.

Estas festas ocorriam na casa do pagador da promessa e eram acompanhadas por muita bebida e comida. As pessoas montavam barraquinhas de bebidas e vendiam guaraná (que chamavam de gasosa), vinho e cachaça. As mulheres preparavam peru, cuscuz, galinha, ovos. E não podia deixar de faltar os leilões em homenagem aos santos que serviam para arrecadar dinheiro para os donos da casa. Tais festas ocorriam à noite e eram animadas por

zabumbeiros. É importante notar que as procissões nem sempre ocorriam na mesma cidade. Às vezes saíam de uma para outra.

O sentido destas tradições desaparece em virtude das mudanças sofridas durante todos esses anos na sociedade, como o ingresso da mulher no mercado de trabalho, o aumento do número de pessoas ligadas ao setor terciário da economia, a urbanização, entre vários outros fatores.

Nesta empreitada de reavivar o cotidiano das pessoas que interagiam com a nossa protagonista, podemos descobrir os significados de muitas ações que praticamos no presente. Por isso não podemos esquecer nossas origens, daí que se faz necessário este resgate.

Tudo isto fez parte das memórias de Elza, mas, com certeza, qualquer sergipano se identifica com algum ponto desta análise, além das pessoas que interagiram com a protagonista. Diante disso é que se faz necessário evidenciar a importância, não só de suas memórias, como também a de vários outros anônimos. É necessário lembrar que todos são em potencial, agentes diretos da história e não meros expectadores.

REFERÊNCIAS

SANTOS, Elza Ramos dos. **Entrevista concedida ao Professor Dr. Antônio Lindvaldo Sousa**, Coord. Do Projeto “História de Sergipe para a Terceira Idade” em Aracaju – SE, no dia 25 de maio de 2006.

SAMPAIO, Prado. **Do folclore sergipano e aspectos etnopsicológicos de suas lendas.**

Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe. Aracaju: Estação Gráfica José Lins de Carvalho, anos VI – X (1921-1925), volume VI, fascículos III e IV, p.73-88, 1926.